

ESTAVA
ESCRITO



Estava Escrito

Luis Paganelli

(Des)fazer-se

usos x memórias dos objetos

Sou muito pragmático com relação à vida e à morte, talvez por um aprendizado social ou por eu mesmo já ter estado muito próximo do limite de transição. Hoje, penso muito sobre o espaço que ocupo no mundo, e percebo que demando um espaço físico maior do que deveria.

Passei a pensar sobre isso por acumular muitos objetos, alguns fáceis de se desfazer, outros nem tanto. Certos objetos carregam grande valor sentimental, pois simbolizam memórias, histórias, afetos, e são parte da construção de nossa identidade.

Quando decidi fotografar alguns desses objetos familiares, muitas histórias vieram à tona. Sinto que cada uma destas fotografias é uma coleção de memórias que guardam um profundo elo com quem eu sou.

Ao olhar para estas imagens, sinto que não são simples fotografias, pois trazem consigo recordações que permanecem muito vivas dentro de mim.

Cada imagem é uma parte de vida que permanece registrada neste grande banco universal de imagens, e de onde nunca irão desaparecer.

As alianças

Nos anos 50, Dinorah e Domingos Paganelli, já não mais tão jovens, com 37 e 38 anos respectivamente, foram intencionalmente apresentados um ao outro, por uma trama multi-familiar. O encontro deu certo. Noivaram, casaram e me colocaram neste mundo. Permaneceram unidos por muitas décadas, até que uma impiedosa doença, que durante 10 anos foi apagando as memórias de minha mãe, os separou em 2001.

Com meus pais aprendi muito sobre respeito, tolerância e principalmente sobre o valor de um relacionamento.



“Estava escrito”

Toda a recepção do casamento de meus pais foi preparada pela minha mãe, inclusive o bolo, no qual constava, em glacê, a seguinte frase: “estava escrito”.

A união do casal foi celebrada em uma manhã de primavera de 1955, com vinho do Porto Adriano Ramos Pinto, na casa de Dona Ana, grande amiga e dona da casa onde minha mãe morava em Curitiba. Ainda no mesmo dia eles tomaram o trem com destino à nova residência em Caçador.

Com o casamento, minha mãe deixou de ser uma senhorita de 37 anos, financeiramente independente, que viajava com frequência, para ser a esposa de um dos proprietários da Marcenaria Pasper, na pequena cidade de Caçador.

Meses após o casamento, um incêndio destruiu a marcenaria, sobrando apenas dívidas. Naquele momento meu pai fazia o curso de Direito em Curitiba e minha mãe estava grávida. Para ela, as dificuldades maiores vieram após o meu nascimento, quando sofreu uma depressão pós-parto.

Com o tempo tudo melhorou, tudo sempre melhora. Apesar das dificuldades, sei que ela tinha muito orgulho da família que construiu. Era uma mulher com grandes virtudes, entre as quais destaco a veracidade, a discrição e uma grande generosidade.



O punhal

Usado para o abate de porcos, este punhal pertenceu a meu avô Ângelo Paganelli. Foi um objeto de grande importância para a sobrevivência financeira da família, após a revolução de 1932, quando o governo de Santa Catarina foi deposto e o novo governo decidiu pela não continuidade da obra da construção da estrada entre Caçador e Curitiba. Essa decisão afetou diretamente meu vô, pois naquele momento ele era o diretor da empreiteira responsável pela obra.

Filho de italianos, meu avô aprendeu desde muito cedo a preparação de embutidos (linguiça, choriço, morcilha e copa), que passou a ser sua principal fonte de renda naquele momento, evidenciando sua capacidade de mais uma vez adaptar-se às condições financeiras impostas pela vida.

Meu pai contava que, aos 10 anos, diariamente após a escola, ajudava na “salameria” da família, que ficava no porão da casa. Minha tia Irges, hoje com 95 anos, recorda que apesar de serem crianças na época, eles se sentiam importantes em poder colaborar nos negócios familiares.

A recordação daqueles tempos de adaptação se faz presente sempre que consumíamos copa em nossa casa.



As agulhas de costurar acolchoado

Meu pai era o mais velho de 5 filhos e aos 14 anos passou a ser arrimo de família, em consequência da morte de meu avô, vítima de tuberculose. No final dos anos 30, com 21 anos, meu pai foi acometido pela mesma doença e precisou ir ao sanatório para tratar-se, ficando lá por sete anos.

Para preencher a sua falta e para suprir as necessidades financeiras da família, minhas tias costuravam e bordavam e minha avó fabricava acolchoados de lã de ovelha. Estas agulhas contam parte desta história, e por isso simbolizam a valentia e grandeza destas mulheres que lutaram por sua família.



A tesoura de alfaiate

Esta tesoura era uma das ferramentas de trabalho do meu bisavô Luigi Toniazzo, que era alfaiate. Ele a trouxe da Itália quando decidiu vir para a América e recomeçar a vida. Sua decisão de imigrar para o Brasil, em 1893, deveu-se à crise econômica que vivia a Itália naquele momento e à péssima situação financeira da comuna onde vivia. Ele vinha rumo ao desconhecido em busca de uma vida melhor.

Chegando ao porto em Gênova, ele escreveu em seu diário:

La Merica, Eis Gênova! Temos hoje o dia primeiro de abril. Amanhã ainda contarei a data em solo italiano, e depois isto não me será mais concedido. Adeus, Itália! Nasci e cresci em teu seio, e deverei morrer no novo mundo, para o qual agora me dirijo. Mas lá espero, pelo menos, com meu trabalho, melhorar minhas condições, pois em ti tudo acabou e não há nada mais a esperar.

Ele partiu com os dois filhos mais velhos. Minha bisavó Cristina e os outros filhos partiram posteriormente, após ele ter se estabelecido na cidade de Garibaldi – RS.

Assim foi o início da história de nossa família em terras brasileiras.



A seringa

Na minha casa havia um armário fixado atrás da porta da cozinha, onde ficavam guardados os itens de farmácia (algodão, água oxigenada, mercúrio, álcool, esparadrapo, sal de fruta, aspirina e até mesmo soro para picada de aranhas e cobras, que por sorte nunca foi usado). Uma das divisões do armário era reservada para o estojo de seringas e agulhas.

Não me lembro ao certo quantos anos eu tinha quando, pela primeira vez, meu pai disse que me ensinaria a aplicar uma injeção. Tremi na base, pois, até então, era sempre ele quem preparava e aplicava as injeções, quando se fazia necessário. Mas era chegada a minha vez de aprender. Tomei coragem e fui. Me lembro que depois de umas três tentativas consegui perfurar o seu braço e aplicar o medicamento. Esta memória permanece forte comigo até os dias de hoje.

Na época não pude entender muito bem porque ele estava me ensinando aquilo, porém hoje compreendo que o fez como uma forma de me preparar e me proteger diante das adversidades da vida. Ensinar-me aquilo foi sua forma de cuidar-me.

Durante os sete anos que meu pai lutou contra a tuberculose, internado no sanatório da Lapa nos anos 40, sua cura deveu-se à sua decisão de tomar estreptomicina, medicamento que havia sido recém descoberto. Sua escolha contrariava as recomendações médicas, e por isso ele foi obrigado a aplicar em si mesmo boa parte das 360 injeções necessárias para o tratamento.

Meu pai me ensinou a fazer algumas coisas que não eram condizentes com minha idade. Hoje compreendo que aquilo foi um gesto de amor. Há coisas que só entendemos com o passar do tempo.



As mágicas, baralhos e dados

O gosto por entreter e fazer com que as pessoas se sentissem bem era algo nato em meu pai, e os anos na Lapa* foram uma escola de aperfeiçoamento dessas suas habilidades. Lá ele tinha a oportunidade de fazer as pessoas esquecerem de seu difícil destino e viajarem através de seus truques e contações de histórias.

Ele aprendeu inúmeras mágicas, de cartas e dados, com um colega, jogador profissional, que havia ganhado muito dinheiro nos cassinos de transatlânticos. Este colega se iniciou na jogatina ainda criança em um parque de diversões e foi um grande mestre para meu pai, embora eu nunca tenha sabido que meu pai jogasse a dinheiro ou algo assim.

*Lapa - cidade onde ficava o Sanatório São Sebastião, onde se tratavam os doentes de tuberculose.



A caixa de pinho

Feita de araucária e lâminas de madeira coloridas, nesta caixa minha mãe guardava cartas, bilhetes, santinhos, acessórios de costura, documentos pessoais e outros objetos importantes, que formaram parte de sua história. Nela também estavam recordações de sua vida anterior à mudança para Caçador, assim, era um elo de ligação com o passado e com as pessoas pelas quais ela tinha apreço.

Eu gostava quando ela me contava sobre as origens dos seus objetos. De certa forma, suas histórias e memórias ainda permanecem aí guardadas.



O calibrador de pneus

Nos anos 50 e 60, era muito comum as pessoas terem uma bomba de encher pneus e um calibrador em casa ou no carro. Em minhas recordações, lembro de me sentir importante todas as vezes que meu pai me pedia para calibrar os pneus do fusca 1200 ano 64.

Neste fusca fizemos muitas viagens para Joinville para visitar meus avós maternos. Lá se reuniam muitos primos e primas no período de férias, momentos inesquecíveis de muita diversão e “aprontação”, que hoje dão muita saudade.



O cálice de vidro graduado

Nos anos 50, meu pai e o seu sócio Lino Sperotto tinham uma marcenaria e, para reduzir custos, decidiram fabricar os próprios espelhos, o que não era algo tão simples. Para conseguir, meu pai teve que estudar os processos químicos envolvidos e adquirir os produtos e utensílios necessários.

Deste tempo restaram alguns objetos, dentre eles o cortador de vidros, que mais tarde foi usado por mim para cortar os vidros na montagem dos meus aquários.



A câmera fotográfica

– Luis Antonio, vai buscar a Kodak para fotografarmos o Cubiá.

Escutei esta frase muitas vezes de meu pai. Cubiá era nosso cachorro, e para mim um amigo, e a Kodak era o modo pelo qual todos se referiam a qualquer câmera fotográfica naquele tempo, ainda que fosse de outra marca - a nossa era da marca alemã Rolfix. Além desta, meu pai possuiu outras câmeras de médio formato, que nos anos 60 foram substituídas pelas de filme 35mm.

O principal uso era para registrar as reuniões familiares no Natal, Páscoa, visitas de parentes, eventos sociais como o desfile de 7 setembro, situações de trabalho na madeireira, viagens, assim como para as experimentações fotográficas que meu pai gostava de fazer, por exemplo, dupla exposição, fotografia macro, dentre outras.

Desde muito cedo aprendi um pouco sobre o funcionamento técnico das câmeras. Talvez deste encontro precoce tenha nascido, mais tarde, meu desejo e amor pelo ato de fotografar.

As fotos feitas por meu pai eternizaram memórias e momentos familiares importantes. Olhar para elas hoje me permite pensar e reencontrar o menino que fui um dia.





A casa da avenida

Estas três chaves, cuidadosamente guardadas e etiquetadas, possuem muita história. Identificadas como Casa Avenida, elas eram as chaves reserva de nossa casa situada em Caçador, na qual passei boa parte de minha vida.

Esta casa tinha para meu pai o significado de conclusão de um projeto iniciado trinta e cinco anos antes e interrompido pelo diagnóstico de tuberculose.

A doença que levou a vida de meu avô, interrompeu temporariamente os projetos de vida de meu pai. Ele estava com 21 anos quando descobriu a doença, que alterou profundamente os caminhos de sua vida.



Cadden
A VENUE DA

O Eterna Matic

Em fevereiro de 1964, meu pai comprou o “Eterna Matic – Centenary”, na Casa Omega em Caçador. O certificado foi assinado pelo seu amigo e companheiro de Rotary, Valdir Binoto.

Recentemente estive na Casa Omega, que ainda existe. Fui usando o relógio de meu pai no pulso e o Sr. Binoto me contou que se recordava daquela venda. Em tom de brincadeira, disse que seu faturamento caiu após ter vendido aquela remessa de relógios tão bons, pois seus clientes não tinham mais a necessidade de adquirir outros novos.

Tenho comigo os três relógios mecânicos de meu pai, que ainda funcionam: um de bolso, herdado de meu avô, um Jenco e o Eterna Matic, todos com histórias que representam fragmentos de vida de meu pai.





O lápis químico

Estes lápis eram uma inovação nos anos 50/60 e serviam para facilitar o sistema de contabilidade das empresas, que era algo muito trabalhoso. Tinham a função de transferir sua escrita como cópia, quando prensados junto a um tecido umedecido sobre outro papel. Eram utilizados para criar uma cópia direta do livro-caixa no livro-razão, reduzindo assim o tempo de trabalho.

Eu gostava muito de brincar com os materiais de escritório do meu pai, e justamente porque ele me permitia ter esta liberdade, eu o respeitava muito, assim como respeitava seus objetos. Ele nunca teve grandes apegos materiais, uma qualidade que hoje busco resgatar, na tentativa de desfazer-me de alguns objetos.



As lentes e lupas

Meu pai tinha várias lentes, algumas deixadas por meu avô. Ele as utilizava principalmente para visualizar os selos da sua coleção.

Algumas delas tinham o formato de lupa, outras, as chamadas lentes de relojoeiro, ficavam fixas no olho e permitiam ter as mãos livres para trabalhar.

Recordo-me de senhores que carregavam consigo, num pequeno estojo, uma lente pequena para uso no dia a dia, que por vezes eram utilizadas até para acender cigarro.

Eu gostava de queimar pequenos pedaços de papel, pequenos gravetos secos e até acender palitos de fósforo, apenas com a lupa e os raios do sol. Para uma criança, este fenômeno se parecia quase como uma mágica.



O livro-caixa

Este livro-caixa, com rabiscos que são códigos taquigráficos, era utilizado por meu pai para o controle das dívidas. A imagem traz à lembrança um período difícil de minha infância e adolescência, pois relembra os longos anos de situação financeira instável da madeireira, na qual meu pai trabalhava e era sócio.

Foi um tempo muito complicado! O risco de tudo ir à bancarrota era grande e a pressão dos credores sobre meu pai era constante. As promissórias eram assinadas por ele, e todos os seus bens – casa, chácara e automóvel – estavam em jogo.

Meu pai tentava amenizar a situação em casa, dizendo que iria dar um jeito.

E deu!

Mesmo tendo lhe consumido mais de dez anos de trabalho e dedicação, meu pai não deixou que se repetisse a história de meu avô, que por duas vezes em sua vida perdeu tudo e teve que recomeçar do zero.

Data	Débito	Crédito
<i>Termino Engenharia</i>		
L. C. de p. 15-4-66		220.000
salque 198 169 72nd. 30/4		505.000
juízo até 31-7-66		463.358
l. de p. 31-7-66		3.189.750
base 7		3.000.000
juízo 11 abozna 20/1/66		1.000.000
juízo 13		1.000.000
juízo até 31-12-1966		3.163.387
l. de p.		10.352.137
<i>Clive Woodard Jr</i>		
Nov 13 L. C. p. de 12-67		8.000.000
1966		
Mio 10 Victorio Gamob		
l. de p. 10-10-66		600.000
11-12-66		

Data	Débito	Crédito
<i>Herlano Aguiar</i>		
L. C. p. 11-1-66		100.000
1966 Guerra e Saude		
Julho 12 L. C. p. de 12-66		1.000.000
64. pagam juízo até 12-1-1967		
1966 <i>Leão Rodo Jr</i>		
Nov 14 L. C. p. 12-12-66		1.000.000
juízo até 17-12-67 - 48% juízo -		576.000
l. de p. 17-12-1967 soma		1.576.000
<i>Domingos Gabardo</i>		
Monteza ou 27/4/66		1.000.000
juízo até 31-12-66		360.000
reincimento 31-12-66		1.360.000
massa pagamete	150.000	
juízo até 31-12-66		192.000
uma entrega p 20/1/67		8.000
14.000		1.560.000

crédito p. 1-4-67
(L. 400.000)

A máquina de escrever

Sempre existiu em minhas memórias, me lembro de brincar com ela desde pequeno. Teve uma história especial em nossa família, tanto é que foi vendida e posteriormente recomprada por meu pai, que quis que permanecesse conosco.

Esta máquina representava para ele um recomeço de vida após a saída do sanatório. Na época, o preconceito contra quem teve tuberculose era forte, difícil conseguir um emprego. Então, meu pai preferiu trabalhar por conta própria, e o caminho que ele encontrou foi comercializar crina vegetal, utilizada para fabricação de colchões.

A máquina servia para redigir as cartas endereçadas aos compradores. Mas não apenas para isso! Ele também a usava para escrever cartas à minha mãe, que naquela época trabalhava em Curitiba.

Mais que uma máquina, este objeto ajudou a escrever a história de nossa família, e por isso guarda um lugar especial em minhas memórias.





A navalha

Raríssimas vezes vi meu pai sem a barba feita pela manhã. Essa foi umas das lições imperativas que ele deixou na minha vida. Não consigo ser diferente, talvez por um gosto, um costume ou pelo desejo de seguir seus passos.



As penas de aço

Essa caixa de penas ficava guardada na gaveta superior da estante do meu pai, junto com os materiais de escritório.

Recordo quando no final da minha primeira série, começamos a escrever com caneta tinteiro ao invés de lápis. Em casa, foi toda uma preparação. Meu pai me deu de presente um tinteiro marca Parker, com menos de um quarto de tinta, além de uma caneta e uma pena, que ele cuidadosamente escolheu nesta caixinha (cada tipo tinha uma espessura de traço).

E fez as devidas advertências sobre os cuidados que eu deveria ter com a tinta líquida, para não manchar as roupas, e com as penas, para não machucar ninguém.

Várias vezes recorri a ele para substituir as penas quebradas, e com o tempo fui aprendendo a utilizá-las com mais suavidade, sem cortar o papel nem quebrar suas pontas.





O pêndulo

Na casa de minha avó, Olinda Paganelli, havia um pêndulo guardado numa antiga caixa de madeira. Junto dele, alguns outros objetos de valor afetivo.

Quando era criança, sentia emoção em ver e ouvir as histórias que ela contava sobre estes objetos. Mas com o pêndulo havia algo a mais...uma magia, um encantamento. Mesmo ouvindo a explicação, “quase lógica”, de que aquele era um instrumento de radiestesia, utilizado para captar as vibrações dos objetos e corpos, para mim ele era misteriosamente especial.

Seus movimentos ainda hoje me deixam impressionado, pois apesar da imobilidade visível da mão que o segura, ele insiste em se mover..

Depois que meu pai partiu, passei a valorizar e estudar mais sobre os pêndulos. Apesar de todas as explicações racionais, permanece em mim a sensação de que este seja algum tipo de invenção mágica que guarda mistérios ocultos.



O peso de papel

Este objeto resistiu ao tempo e às minhas brincadeiras de criança. Permaneceu na escrivaninha de meu pai por mais de quarenta anos e foi um presente de minha tia Alfa Sant'anna, cunhada e grande amiga de minha mãe. Apesar de sua delicadeza, esta peça carrega muitas lembranças, por isso decidi mantê-la em meu escritório. Sinto que traz boas energias.



Golden's Motor Wagon 1897

O manipulador de telegrafia

Lembro-me de ver meu pai treinando o código Morse neste manipulador de telegrafia. Ser Radioamador era um grande desejo seu, e para a aprovação na LABRE (Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão) era necessário saber telegrafia.

A questão financeira o impediu de seguir adiante com este sonho, mas ficaram muitas histórias.

Nos tempos de quartel*, uma das formas que eles encontraram de amenizar a angústia, era ouvir e anotar as mensagens transmitidas em código Morse via rádio. Eles decifravam telegramas do Brasil e do mundo, e assim podiam distrair-se momentaneamente das dificuldades impostas pela vida.

Meu pai contava que numa noite copiaram um telegrama originário da Polônia. Para traduzir, buscaram a ajuda de uma colega polonesa, que teve uma péssima reação, pois se tratava de um comunicado sobre o falecimento de seu irmão, morto na guerra.

Esta mensagem, inesperada, os trouxe de volta para aquela realidade tão dura, marcada pela presença cotidiana da morte.

*Quartel era o termo utilizado pelos sobreviventes da tuberculose que estiveram em tratamento no Sanatório da Lapa. Utilizavam este “código” porque, na época, havia muito preconceito com relação à doença.



As medalhas

Estas são as medalhas que meu pai recebeu quando criança, no colégio em que estudava. Seus boletins só tinham nota máxima, muito diferente dos meus. Apesar disso, nunca houve em casa nenhum tipo de cobrança para que eu fosse um aluno exemplar. Talvez esta cobrança era apenas minha.

Estas medalhas foram guardadas com carinho por minha avó por muito tempo, hoje permanecem comigo, dentre outras tantas coisas que herdei de meu pai.



O rádio transistorizado

Graças à descoberta do transistor, em 1954 o rádio se tornou o mais popular dispositivo de comunicação eletrônica da história, sendo intensamente fabricado durante as décadas de 60 e 70.

Seu tamanho reduzido provocou uma mudança nos hábitos de escutar músicas e notícias, permitindo que as pessoas ouvissem seus programas prediletos em qualquer lugar onde fossem.

Não lembro exatamente quando este rádio foi adquirido, mas me recordo que na madrugada em que o homem chegou à lua, este objeto foi muito importante em nossa casa. Através dele, recebíamos informações mais detalhadas das imagens que víamos pela TV. Foi um grande evento, inesquecível para meu pai e para mim.



O relógio de parede

“[...]nunca-sempre, nunca-sempre, nunca-sempre”. Na minha infância, este foi o canto que passei a ouvir junto com o tic-tac deste relógio, após conhecer a história sobre o inferno – local para onde iam as pessoas que cometiam pecados.

Essa história, muito repetida antigamente, contava que quem ia para lá nunca mais voltava, pois o tempo não existia e sua representação era um relógio que tocava assim... “nunca-sempre, nunca-sempre, nunca-sempre”.

Este relógio foi adquirido por meu avô, na década de 20, posteriormente foi passado a meu pai, e agora está comigo. Quando ouço seu som, ainda hoje me recordo das noites que dormi na casa de minha avó, sob o silêncio da pequena cidade de Caçador, e o tic-tac incessante que me fazia pensar no inferno e em coisas terríveis.



O saca-rolhas

Este saca-rolhas, dos anos 50, era especial para a época. Não me lembro exatamente como ele chegou à nossa família, mas era um artigo diferenciado.

Um dia, brincando com ele como se fosse um avião, quebrei sua haste. Seria simples soldar, mas na época em Caçador não havia quem o fizesse.

Muito tempo depois, meu tio Guido Germani, conseguiu consertá-lo em uma oficina da Perdigão, que era o lugar mais tecnológico por aquelas cidades.

Por isso em minhas memórias sempre associo este saca-rolhas à imagem de meu tio, que foi uma pessoa muito especial, pelas coisas que me ensinou, pelo seu carinho e pelos presentes que me deu.



A coleção de selos

Meu pai era um filatelista – nome dado aos colecionadores de selos postais.

Quando eu era criança, lembro de serem comuns as coleções de diversas coisas, tais como selos, moedas, cédulas, flâmulas, carteira de cigarros, chaveiros, caixinhas de fósforo, entre outras.

Meu pai colecionava selos, porque, como ele dizia, os selos guardam conhecimentos de história, geografia, antropologia, ciências, além de contarem sobre as datas e conquistas importantes de diferentes nações do mundo.

Alguns países, nesta época, obtinham uma fonte de renda através da venda de selos de edições limitadas.

No início, meu pai tinha poucos álbuns, mas com o passar dos anos foram aumentando. Muitos selos de sua coleção eram comprados, mas a maior parte ele ganhava do Padre Agostinho, que vivia em Caçador, que tinha parentes e amigos na Europa, com os quais mantinha correspondência.



REPUBLIQUE DU MALI

50F



NAPOLEON BONAPARTE PREMIER

DELRIEU

SMITH & WESSON S&W

Memórias trazem imagens.

Sendo este um livro de fotografias de objetos que marcaram minha história, não posso deixar de fazer referência ao revólver de minha avó, do qual não tenho imagem, apenas memórias.

Na turbulência da crise mundial de 1929 muitas empresas faliram, e não foi diferente para meus avós Ângelo e Olinda Paganelli, que na época tinham uma loja na cidade de Garibaldi.

Ao entregar, para o banco credor, a loja e o prédio onde a família morava, minha avó revoltada por se desfazer de um patrimônio muito maior que a dívida, apanhou no armário das armas um revólver SMITH & WESSON S&W e colocando-o em sua bolsa disse: “este ninguém me tira”, mesmo que meu avô já tivesse decidido não levar nada.

Era sempre emocionante quando ela mostrava o revólver e contava algumas histórias. Este objeto foi importante para sua segurança, quando precisou enfrentar a vida sozinha com cinco filhos no interior de Santa Catarina.

Minha avó, às vezes, fazia noite do pijama com as netas. Como eu era o único homem, nunca participei. Uma prima me contou que algumas vezes inventavam ouvir algum barulho para ver a avó abrir a janela e dar um tiro para o alto, com a desculpa de espantar o intruso.

Muito antes de falecer, ela presenteou o revólver ao seu querido genro, Tio Guido.

Objetos trazem memórias, memórias trazem imagens. Mais que um inventário de objetos deixados pela minha família, este livro é um disparador de lembranças afetivas que me constituem, e fragmentos de uma história que não é só minha.

AGRADECIMENTOS

A meu pai que foi quem me introduziu ao mundo da fotografia e patrocinou meus primeiros equipamentos, e a minha mãe que foi minha primeira interlocutora, apontando qualidades e defeitos nas minhas composições de retratos, fazendo assim que eu percebesse que a fotografia é coisa séria.

As minhas primas Guiomar e Janice por todo estímulo para que eu possa hoje fazer da fotografia minha forma de expressão.

Sou grato a minha esposa Zita e a meus filhos Andre e Paulo, por partilharem deste caminho comigo, e serem parte importante das histórias contadas neste livro.

As minhas primeiras professoras, Dona Marlene Drech, Dona Ana Fedechen, Dona Cleomar Giacomini, que me ensinaram a ler e escrever quando criança.

As minhas amigas e amigos do Núcleo de estudos em fotografia e arte – NEFA, pelo espaço de construção coletiva.

A Marcelo Greco, por seu cuidado ao olhar para este trabalho e sua generosidade nas orientações.

A Adriano Fernandes, pelo empenho no trabalho de diagramação.

Ao amigo Edson Pedrassani, pela revisão dos textos.

A Ana Soukef pelo olhar sensível na curadoria textual.

A curadora Lucila Horn, por me acompanhar no mundo da fotografia, compartilhando possibilidades de aprender a ler e (re)interpretar o mundo através das imagens.

E a todos amigos fotógrafos e não fotógrafos que ao longo destes 40 anos tanto me estimularam a (des)formar o meu olhar.

ESTAVA ESCRITO, 2019
Luis Paganelli

Curadoria: Lucila Horn e Ana Soukef
Revisão de Texto: Edson Luis Pedrassani
Diagramação: Adriano Fernandes

Núcleo de Estudos em Fotografia e Arte - NEFA

